



Confissões da Indústria Musical: Madonna e a Arte de se Reinventar¹

Eduardo RODRIGUES²

Thiago SOARES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Madonna, popularmente conhecida como a “rainha do pop”, ganhou esse título graças a sua enorme influência e significância na indústria musical. É interessante notar que grande parte do legado da cantora é fruto do intenso trabalho da sua imagem, que se modificou bastante no decorrer da sua carreira e impactou a cultura midiática em diferentes momentos. Da vasta discografia da cantora, foi selecionado para análise o álbum *Confessions on a Dance Floor*, que na época em que foi lançado, implicou em estratégias e posicionamentos viáveis a inserção de Madonna novamente no ramo musical, visto que o álbum anterior gerou estranhamento do público e da crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão de imagem, indústria musical, Madonna, posicionamento.

Esse artigo tem como objetivo analisar um fenômeno típico da cultura pop, a reinvenção da imagem de um artista, atentando-se nas estratégias utilizadas para manter sua presença ativa e significativa no mercado musical, tendo por base o álbum fonográfico e seus desdobramentos. Para tanto, foi selecionado como objeto de estudo o álbum *Confessions on a Dance Floor* (2005) da cantora Madonna, visto sob a ótica da análise do discurso para compreender como se deram as construções ideológicas na produção e divulgação desse novo material, já que ele procurou restabelecer a carreira da artista após a má recepção pela crítica e pelo público do álbum antecessor, *American Life* (2003).

É interessante notar o valor dado na cultura pop a “reinvenção” dos artistas musicais. Isso revela uma faceta um tanto comercial desse sistema: quanto mais flexíveis eles forem, mais público atrairão, construindo assim um legado memorável. Daí a importância de estudar essa temática atrelada ao marketing, que segundo Armando Sant’Anna (2009), implica conhecer o que o consumidor necessita ou almeja, orientando-o inclusive na fruição do produto final. Logo, torna-se comum para um artista modificar ou adaptar alguns aspectos da sua carreira na intenção de atingir

¹ Trabalho apresentado no II 2 – Publicidade e Propaganda do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do CAC-UFPE, email: ejmrs@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do CAC-UFPE, email: thikos@gmail.com



públicos distintos e atender demandas atuais de mercado.

Com receio de cair no esquecimento, são poucos os cantores que não tentam uma nova abordagem, portanto alguns deles alteram sua sonoridade, seu visual, seus discursos, suas performances, etc. Afinal, os gostos da grande massa são dinâmicos e mudam o tempo todo. Todavia, a amarra comercial da reinvenção não deve ser encarada unicamente como um meio fechado que transforma o artista em um mero fantoche do mundo do entretenimento, devendo ser encarada também como um meio criativo e de reflexão. É o que Thiago Soares (2013) chama de brechas na lógica de produção das indústrias da cultura, pois as estratégias empregadas na construção da identidade de um artista não devem ser entendidas de forma trivial, já que permitem aprendizados e experiências positivas ao grande público.

Madonna é um exemplo gritante desse fato, conhecida por adaptar a sua imagem ao longo dos seus mais de trinta anos de carreira. Quando surgiu com seu primeiro álbum em 1983, intitulado *Madonna*, as músicas eram tipicamente dançantes, alegres e fáceis de decorar, garantindo a cantora um reconhecimento massivo. Mas, além disso, ela tinha um visual forte com roupas despojadas que remontavam uma ideia de rebeldia, não demorando muito para que os jovens da época aderissem ao estilo e ela começasse a virar não só um ícone da música, mas também da moda. Com o passar do tempo nos deparamos com vários perfis de Madonna, do sensual em *Erotica* (1992) ao excêntrico em *Ray of Light* (1998), vimos diferentes penteados, roupas, discursos e sonoridades adotados pela cantora que só reforçam o engajamento dela com a construção da sua imagem enquanto artista.

“As jogadas artísticas, indumentárias e identitárias de Madonna chamam atenção para o fato de que a cultura de massa é marcadamente comercial e que é preciso pensar estratégias de posicionamento para artistas neste âmbito. Um dos interesses que recaem sobre Madonna é como ela conseguiu construir uma marca enquanto posicionamento de mercado que perdura até os dias de hoje.” (SANTOS, Bárbara; SOARES, Thiago, 2014, p.4)

Madonna conseguiu por meio de sua cíclica transformação virar uma personalidade memorável na cultura de massa, ganhando o título de “rainha do pop”. O impacto da cantora na história da música se deu graças a sua identidade artística forte e muito bem planejada, relacionando-se diretamente com a forma pela qual as pessoas absorvem o gênero musical: não apenas para puro prazer, mas também como um estilo de vida. Madonna sabia se comunicar com o público nos diferentes momentos da sua

carreira, por isso gerou várias pontes oportunas de identificação. Ela conquistou de fãs feministas a fãs da comunidade LGBT, por exemplo. É válido perceber que não foi a sua potência vocal que a legitimou, mas sim o teor de suas músicas e principalmente a sua imagem e a forma como ela foi sendo remodelada.



Figura 1: Madonna em diferentes momentos de sua carreira.

A reinvenção como problema

Em 2003 Madonna lançou *American Life*, em tradução livre para o português “vida americana”, seu nono álbum de estúdio. A cantora gerou uma série de polêmicas graças ao conteúdo do disco, pois além de apresentar letras que criticavam fortemente a cultura e as práticas dos Estados Unidos, ganhando inclusive um adesivo Parental Advisory³, a sonoridade das músicas se mostrou diferente em comparação com os antigos trabalhos de Madonna, soando mais folk com misturas de gêneros como o eletrônico, o acústico e o rock. A crítica especializada deu uma avaliação majoritariamente mista para o álbum, alegando que embora ele fosse ousado, as letras eram repetitivas e às vezes exageradas. Alguns críticos ainda consideraram o álbum muito controverso, uma vez que Madonna estaria sendo hipócrita ao defender um discurso que repudiava o estilo de vida que a consagrou no passado como a “material girl”.

Fica evidente notar que as estratégias pensadas para o álbum não deram muito certo, comercialmente falando. Madonna sempre foi adepta do uso da polêmica, que é uma ferramenta recorrente na indústria musical, pois o “chocar” desperta interesse e

³ Parental Advisory é uma mensagem afixada pela Recording Industry Association of America (RIAA) em gravações áudio e vídeo nos Estados Unidos com linguagem e/ou conteúdo ofensivo.



curiosidade no grande público ao sugerir temas “proibidos, errados ou imorais”.

Há, na verdade, um grande atrativo no que parece fugir do que é considerado certo e Madonna e sua equipe sabem disso. Contudo, a polêmica nem sempre é garantia de êxito no mercado musical, principalmente quando se trata de política. Dois anos antes do lançamento do álbum, os atentados às Torres Gêmeas haviam acontecido e deixado os norte-americanos em estado de alerta. O primeiro videoclipe promocional de *American Life* criticava a invasão dos Estados Unidos ao Iraque após esse incidente, através da exibição de cenas fortes da guerra do Oriente Médio: soldados desmembrados, crianças e mulheres em perigo e uma Madonna militaresca que lança uma granada no presidente George W. Bush. Avaliando o contexto histórico em que *American Life* foi lançado e sabendo que os Estados Unidos é o carro chefe da indústria fonográfica mundial, a ideia de criticar uma iniciativa governamental que a maioria da nação apoia não foi nada bem recebida e terminou virando um boicote. De fato Madonna polemizou, só que ao invés de gerar interesse ela gerou apatia, um dos efeitos negativos da polêmica, e o álbum acabou vendendo mundialmente 5 milhões de cópias contra 15 milhões de cópias vendidas pelo seu antecessor, *Music* (2000).

A sonoridade presente em *American Life* também foi um dos motivos para a sua má aceitação. As rádios começavam a ser dominadas por “featurings” entre rappers e mocinhas do pop, já que o gênero R&B estava em alta (Mariah Carey, por exemplo, emplacou hit atrás de hit saídos do seu álbum *The Emancipation of Mimi*), portanto havia pouco espaço para algo que destoasse disso e o público não parecia estar aberto a mudanças. Madonna surgiu com uma certa ruptura em relação ao cenário musical e em relação aos seus trabalhos anteriores, apostando em letras mais bem construídas (com destaque especial para “X-Static Process”) assim como mais provocativas (“American Life” e “Nobody Knows Me”) num instrumental mais despido de subterfúgios entregando um registro de denúncia e raiva, ainda que as batidas eletrônicas do produtor Mirwais Ahmadzaï estivessem presentes e fossem reconhecíveis. Foi um risco que ela correu, pois por mais que tenha se reinventado anteriormente, a sua sonoridade musical era algo que mudava gradativamente, em detrimento da sua imagem que sempre foi apta a mudanças. O público estranhou e assim o álbum foi classificado como “experimental” para que todo o peso negativo atrelado a ele pudesse ser justificável.



A reinvenção como solução

Passado o breve hiato de 2 anos desde *American Life*, Madonna retorna em 2005 com *Confessions on a Dance Floor*, seu décimo álbum de estúdio lançado oficialmente no dia 15 de novembro. Diferentemente do seu trabalho anterior, a cantora parece abrir espaço para uma música mais descompromissada do foco político e das polêmicas, com letras menos agressivas e uma sonoridade mais dançante. Neste primeiro momento já temos uma discrepância visível entre o álbum em questão e o antecessor, é possível concluir que há um afastamento um tanto proposital das temáticas de ambos.

As lembranças mais recentes que o grande público tinha de Madonna eram o fiasco das vendas de *American Life* e o seu período de turbulências e controvérsias. Era preciso que a cantora voltasse ao gosto popular, mas como conseguir isso? A resposta foi simples: voltar às origens. O décimo CD de estúdio de Madonna possuía uma construção diferenciada que mergulha fundo na atmosfera dos sintetizadores e da música eletrônica dos anos 1970 e 1980, sendo essa última data a época em que a cantora estourou. O retorno às raízes da artista é repleto de referências à disco music e a outros músicos e bandas consagradas dessa era como Pet Shop Boys, Donna Summers, ABBA e Bee Gees.

A recepção do público e da crítica especializada foi muito positiva, garantindo ao álbum o primeiro lugar em mais de 40 países e mais de 14 milhões de cópias vendidas mundialmente, tornando-o o sexto disco mais vendido de 2005, mesmo sendo lançado em novembro do mesmo ano. Alan Light (2005), crítico da revista Rolling Stone, avaliou o projeto em quatro de cinco estrelas dizendo que o álbum mostra que Madonna nunca perdeu a fé no poder das batidas. Com a mesma nota, Alexis Petridis (2005), crítico do jornal The Guardian, disse que o álbum pode ser um retorno aos princípios da cantora, porém existe uma essência única em *Confessions on a Dance Floor*. Classificando o décimo trabalho de estúdio da cantora como favorável, Sal Cinquemani (2005), crítico da Revista Slant, afirmou que a “rainha” estava finalmente de volta, não só para as pistas, mas também para o cenário pop. Com tanto sucesso, Madonna recebeu um prêmio Grammy em sua 49ª cerimônia, considerado a premiação máxima no ramo da música, de "Melhor Álbum Dance/Eletrônico" do ano.

Ao longo da sua carreira, Madonna veio alterando seu estilo musical por diversas vezes, contudo nenhuma modificação foi tão evidente e incisiva quanto a experiência com *American Life*. Talvez o mais interessante seja o rumo tomado pela

cantora em *Confessions on a Dance Floor*, visto que ele não é uma reinvenção sonora experimental, e sim uma reinvenção de gêneros antigos com influências contemporâneas. É Madonna explorando, inteligentemente, a sua zona de conforto: a pista de dança. Toda a construção diferenciada do álbum reflete que a necessidade de retornar aos “charts” a qualquer custo é uma primazia da indústria fonográfica: um artista que está no topo das vendas é sinônimo obrigatório de qualidade e conseqüentemente será mais consumido. Isso pode explicar, por exemplo, o fato de Madonna ter demorado apenas dois anos para lançar *Confessions on a Dance Floor*, já que é sabido que ocorre muita pressão da gravadora nesses trâmites porque a imagem do artista tende a ficar atrelada ao álbum anterior.

Para promoção do álbum a cantora também alterou seu estilo, resgatando alguns aspectos da moda oitentista (jaqueta, calça capri de veludo e botas altas) nas apresentações ao vivo e nos videocliques lançados. Ao total foram disponibilizados quatro singles: Hung Up, Sorry, Get Together e Jump. Madonna também visitou algumas discotecas, locais mais populares na era da disco music e que se encaixariam melhor com a proposta sonora do seu novo trabalho, onde divulgou algumas músicas para o público.

Análise das estratégias, músicas e posicionamentos.

A começar pela capa do álbum (imagem abaixo), Madonna faz uso de “elementos da discoteca” como o globo espelhado no seu nome e no fundo, as cores vibrantes, o collant rosa e os sapatos chamativos. O nome do álbum reflete o que se é encontrado na obra. Traduzido livremente para o português, “Confissões na Pista de Dança” mescla temas variados em um tom confessional, como o amor, a religião, a superação de problemas e a fama. Portanto não deixa de ser um álbum pessoal no qual Madonna invoca, mais uma vez, o seu lado artístico questionador, fazendo isso de forma mais sutil e provando que diferentes temas podem ser discutidos acompanhados de uma boa batida dance.

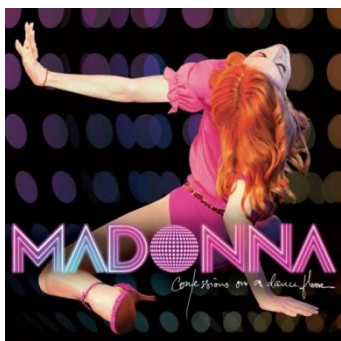


Figura 2: Capa do álbum Confessions on a Dance Floor.



Musicalmente o álbum é estruturado como num repertório geralmente usado por DJs, já que as músicas não possuem fim, são todas instrumentalmente ligadas, sem cortes e intervalos, reforçando a temática de discoteca. Grande parte disso é responsabilidade de Stuart Price, produtor convocado para o álbum e com quem Madonna havia trabalhado em suas duas turnês anteriores (Drowned World Tour e Re-Invention Tour) e em uma faixa de *American Life* (“X-Static Process”). Stuart estava cada vez mais próximo do mainstream, seja em sua faceta DJ e remixer (Jacques Lu Cont), produtor (Les Rythmes Digitales) ou bandleader (no Zoot Woman), o que garantiu releituras contemporâneas de sucessos das décadas de 1970 e 1980 no álbum. A questão de trabalhar com produtores diferentes e que estão em alta no mundo musical é uma tradição de Madonna, visto que a cantora sempre procura se inteirar da indústria fonográfica em um âmbito mais global.

O primeiro single, Hung Up, foi lançado no dia 17 de outubro de 2005 e foi escrito e produzido por Madonna e Stuart Price. A música contém elementos de “Gimme! Gimme! Gimme! (A Man After Midnight)” da banda sueca ABBA e por isso foi considerada uma tentativa de ressuscitar a música pop dos anos 1970, além de trazer uma sonoridade típica do que era tocado em boates, aproximando-se do estilo musical que fez Madonna virar um sucesso no mundo todo. Liricamente, "Hung Up" é descrita como uma canção dance tradicional, sobre uma mulher forte e independente, que tem problemas em seus relacionamentos amorosos – “Time goes by so slowly for those who wait. No time to hesitate. Those who run seem to have all the fun. I'm caught up. I don't know what to do.”.

O videoclipe do single mostra a música quase como uma entidade onipresente, sendo ouvida de uma peixaria a um clube de dança, remarcando o ritmo contagiante e global pelo qual a disco music ficou conhecida. Há referências a vários aspectos da década de 1970 no vídeo. Logo no começo temos Madonna entrando em um estúdio de dança segurando um boombox⁴ quando revela seu collant rosa e seu penteado aos moldes de Farrah Fawcett⁵. Fora isso, a coreografia do refrão de Hung Up é claramente inspirada no filme Saturday Night Fever (1977)⁶. Madonna também faz uma performance com o boombox⁴, ela o usa como apoio para uma dança sensual quando a música fica mais baixa, revogando o seu lado ousado que também a legitimou. É válido notar que no fim de 2005 e começo de 2006, a consumação de música estava sendo modificada pelo fim do diskman e começo do ipod, bandas como Black Eyed Peas e cantoras como Ciara usavam modernos dispositivos eletrônicos em seus videoclipes,

mesmo assim Madonna retoma antigas formas de apreciação da música e aparece com o boombox, um objeto que poderia causar estranhamento. De fato causou, porém conseguiu atrair curiosos e nostálgicos.

Nas apresentações ao vivo mais marcantes em que Madonna performou o single (MTV Europe Music Awards em 2005 e Grammy Awards em 2006) a cantora usou um collant roxo, jaqueta de couro e óculos escuros estilo aviador, peças características da década de 1980 e 1970. No MTV Europe Music Awards ela iniciou a apresentação saindo de um enorme globo espelhado, marco inconfundível das discotecas, além de estar acompanhada dos seus dançarinos que alternavam seus visuais com roupas da dance music e da disco music. As performances ao vivo não fugiam da proposta do *Confessions on a Dance Floor*, eram repletas de energia e dança, evocando os antigos tempos da discoteca com jogos de luzes e trazendo de volta uma Madonna que fazia coreografias sincronizadas. Algo que o grande público não via a um bom tempo.



Figuras 3 e 4: Madonna usando o collant rosa no clipe de Hung Up e saindo do globo espelhado no MTV Europe Awards.

O segundo single, lançado em 07 de fevereiro de 2006, foi Sorry. A faixa recebeu influências marcantes da era dance e foi até comparada com alguns trabalhos antigos da própria Madonna, remarcando a volta às origens pretendida pela cantora. “Sorry” utiliza elementos da música “Can You Feel It” dos The Jacksons, antiga banda de sucesso nas décadas de 1970 e 1980 a qual Michael Jackson fazia parte.

⁴ Boombox é um aparelho de som famoso nas décadas de 1970 e 1980 que começou a ser usado nos subúrbios americanos e se espalhou pelo mundo.

⁵ Farrah Fawcett foi uma famosa atriz e modelo norte-americana, considerada um símbolo sexual e ícone do mundo da moda.

⁶ O filme Saturday Night Fever de 1977, estrelado por John Travolta, mostrava o fervor da música disco nas casas noturnas americanas.

A música começa com palavras de diferentes línguas (francês, espanhol, holandês e italiano respectivamente) que expressam arrependimento e tristeza. O tema central é o poder pessoal e a autoconfiança – “You stayed cause I made it so convenient. (...) I don't wanna hear, I don't wanna know. Please don't say you're sorry. I've heard it all before and I can take care of myself”. É válido notar que as canções mais dançantes de Madonna sempre jogavam com a metalinguagem, pois falavam exatamente da própria música. É o que vemos, por exemplo, em “Everybody” (1982), “Vogue” (1990) e “Music” (2000). “Sorry” quebrou esse ciclo e se tornou uma música de batidas tipicamente dance-pop, mas com uma mensagem forte sobre autoafirmação. O videoclipe da faixa foi gravado para parecer uma sequência de “Hung Up”, pois começa exatamente no final desse com Madonna e seus dançarinos saindo do clube de dança em que estavam. A cantora está com o mesmo penteado e visual dos anos 1970, vestindo agora um maiô branco e jaqueta e botas prateadas. O videoclipe continua explorando a temática retrô, com cores vibrantes e luzes neon características dos anos 1970 e 1980. Apesar da temática festiva, Madonna confronta vários homens ao longo do vídeo, resultando no final em uma luta coreográfica do seu grupo formado por mulheres contra outro formado apenas por homens. O teor, já explorado em Express Yourself (1989), da bandeira do poder feminino é mostrado aqui de forma mais alegorizada, tendo o ponto alto na vitória do grupo feminino contra o masculino na batalha de dança. Em seguida temos uma amenização da tensão e mais uma referência ao passado, dessa vez ao musical de Xanadu de 1980, que retrata uma casa noturna em que todos usam patins de quatro rodas e cano alto para dançar. Os patins foram uma febre dos anos oitenta.



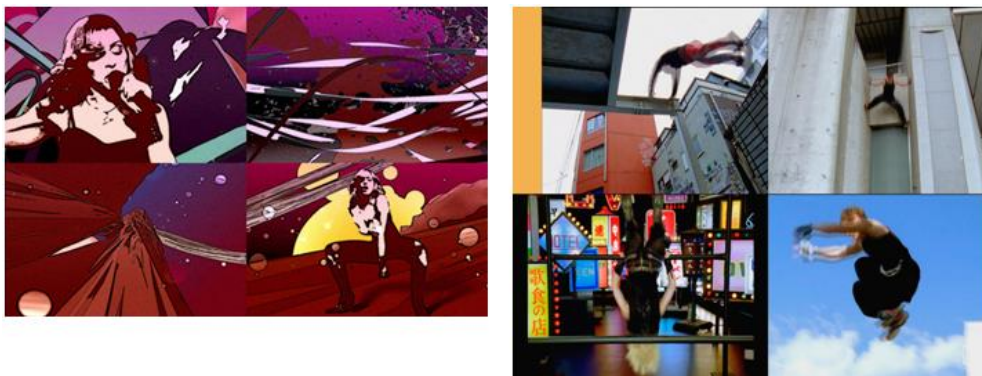
Figuras 4 e 5: Cenas do videoclipe oficial de “Sorry” em que é possível ver a referência às casas noturnas e às roupas chamativas.

O terceiro e quarto singles, lançados respectivamente em 6 de junho e 17 de outubro de 2006, foram “Get Together” e “Jump”. O primeiro foi escrito e produzido



pela própria cantora e Stuart Price, mas também recebeu auxílio na letra de Anders Bagge e Peer Åström. A escolha de “Get Together” como single reflete a preocupação comercial na indústria musical, uma vez que a música recebeu uma alta taxa de downloads antes de ser oficializada como single, ocorrência que é vista como sucesso garantido pelas gravadoras. A música tem influências da eurodance dos anos 1980 com sintetizadores marcantes e vocais secos, a letra, que fala do amor, é bem escrita, fazendo o título da canção (“Ficar Junto”, traduzido livremente para o português) soar como algo que não seja comum ou corriqueiro no âmbito musical. A música ganhou dois videoclipes, ambos animados digitalmente. O primeiro teve inspirações do pintor italiano Milo Manara, é um vídeo extremamente colorido, tendo o rosa, roxo e azul como cores principais e traz imagens de prédios, cidades e desertos, tudo isso reunido com efeitos computadorizados. O segundo não possui tantos efeitos e parece ser uma versão mais simplificada do primeiro. Mesmo com uma música regada de elementos da eurodance, Madonna investiu na modernidade através dos videoclipes da faixa. “Jump”, o quarto e último single, bebe da fonte de uma dupla icônica da década de 1980, os Pet Shop Boys. Mais especificamente da música “West End”. “Jump” foi escrita por Madonna, Stuart Price e Jow Henry, é uma canção que fala da superação, do empoderamento e de correr riscos – “All work and no fighting, I'll find a place of my own. It sways and it swings and it bends until you make it your own. I can make it alone.”. O videoclipe do single combina o som de danceteria com o esporte parkour, uma atividade surgida na França cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápido e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo. Enquanto Madonna canta em um estúdio cheio de placas neon, cenas são intercaladas com seus dançarinos realizando o esporte nas ruas de Tóquio. É interessante notar que a cantora associou o ritmo agitado e retrô da música inspirada nos Pet Shop Boys com o parkour, algo totalmente contemporâneo. Há uma tensão entre o antigo e o novo, contudo uma tensão que conversa consigo mesma. “Jump” traduzido livremente para o português seria “Pular”, princípio básico do esporte francês, que além de fazer menção ao “ser audacioso”, como prega a letra, insere o parkour em sintonia com a sonoridade da música que cresce e decresce, elucidando versos mais acelerados e sinuosos (“Are you ready to jump? Get ready to jump. Don't ever look back, oh baby”). Podemos ver que Madonna prova que consegue reinventar fórmulas antigas em mais uma de suas faixas, mostrando-se completamente criativa e inovadora. Sem deixar de mencionar que

o parkour não era tão famoso na época, o que o tornou exótico e atrativo aos olhos do público e, portanto, acabou sendo uma ótima jogada de marketing.



Figuras 6 e 7: Cenas dos videocliques oficiais de “Get Together” e “Jump”.

Fora os singles já analisados, o álbum está repleto de músicas com mais referências bem trabalhadas. "Future Lovers", que recebeu ajuda na produção e na composição de Mirwais Ahmadzaï, antigo parceiro de trabalho de Madonna (nos álbuns *Music* e *American Life*), é construída a base de um mash-up com um clássico de 1977 da cantora Donna Summers, “I Feel Love” (produzida pelo renomado George Moroder). A música recebeu uma roupagem carregada de sintetizadores, efeitos, batidas e acordes elétricos típicos de Mirwais, contudo não perdeu o tom da canção de 1977, se tornando uma releitura moderna. A faixa, seja em sua melodia ou letra, fala de um amor transcendente sob um viés futurista. Mais uma prova de como Madonna consegue reinventar a era disco, deixando-a “atualizada”. “Isaac” é a faixa que mais se aproxima de algo que soe menos agitado dentro do álbum, embora não completamente. Lembrando bastante a Madonna mística do álbum *Ray of Light* (1998), principalmente nos gemidos “hmmmm” similares aos do single “Frozen”, a canção foi composta pela cantora e Stuart Price, é rítmica, possui elementos arábicos e vocais adicionais do cantor Yitzhak Sinwani cujo nome intitula a faixa (Yitzhak é Isaac em inglês). A letra se utiliza de artifícios religiosos com intuito de evocar a força necessária para quebrar barreiras, fazendo comparações entre as dificuldades e o inferno, e entre a libertação e o paraíso. É interessante notar que Madonna está também reinventando a ela mesma em “Isaac”, reciclando a sua imagem excêntrica e cabalística de *Ray of Light* para algo mais atual através de batidas dançantes, pois o tema religioso é usado como ferramenta de autoajuda e mesmo assim ainda nos faz dançar. As demais faixas que se seguem em *Confessions on a Dance Floor* não abrem espaço para baladas e continuam em um ritmo elevado até o fim do álbum. Destaco aqui também “Forbidden Love”, uma música com

influências eletrônicas da banda oitentista Kraftwerk e “I Love New York”, que apesar de liricamente soar estranha em relação ao todo, consegue transformar uma declaração de amor para uma cidade em uma mistura interessante de dance com rock.

Confessions on a Dance Floor foi visto pela crítica especializada como a volta de Madonna e seu melhor trabalho dos anos 2000, os singles tiveram no geral um ótimo desempenho comercial. Todos esses aspectos levaram a montagem da turnê mundial do álbum, a *Confessions Tour*, que teve um total de 60 apresentações e se iniciou em maio de 2006. A turnê não foge da proposta confessional do álbum, trazendo, por exemplo, relatos dos dançarinos sobre bullying, violência e tentativa de suicídio. Problemas recorrentes do mundo também são explorados como a questão da mulher em “Isaac”, o conflito entre Israel e a Palestina em “Forbidden Love”, a situação da África em “Live to Tell” e a corrupção e deturpação política em um remix de “Sorry”. A proposta disco-dance não é esquecida e é bem trabalhada em remixes de hits antigos da cantora como “Music” com o clássico “Music Inferno”, além de Madonna aparecer vestida como John Travolta nos moldes do filme *Saturday Night Fever*, e usar um collant branco com uma capa onde se está escrito “dancing queen” em homenagem a banda ABBA. Seus dançarinos surgem no palco andando de patins, moda nos clubes noturnos da época disco, e o famoso boombox aparece dando a chance da cantora performar com ele da mesma forma que fez no clipe de “Hung Up” enquanto no telão fotos da antiga discoteca Studio 54 são mostradas. A turnê materializou toda proposta do álbum, trazendo-a a vida e mostrando uma Madonna que fideliza o seu público, mas também inova. The Confessions Tour se tornou a turnê de maior arrecadação por um artista solo na história, somando 200 milhões de dólares e um público de 1,2 milhões de espectadores. Atualmente esse posto foi ocupado pela banda irlandesa U2 com a 360° Tour.



Figuras 8 e 9: A performance com o Boombox e a capa de “Dancing Queen”.



A pista de dança se torna um confessionário

Confessions on a Dance Floor é um álbum tipicamente dançante sem nenhuma balada na sua setlist, foi feito para ser escutado sem pausa. O foco de Madonna era trazer um som tipicamente radiofônico em suas 12 faixas, estratégia que a colocaria de volta ao topo das paradas mundiais, mas mostraria mais uma vez a sua capacidade de reinvenção. Outro objetivo era retomar a popularidade da cantora, e por isso ela recorreu aos momentos em que decolou na sua carreira: as músicas com teor dance. Na composição dessas canções foram usados muitos elementos da época em que o estilo pop dance estava em alta, especificamente os anos 1970 e 1980. Um período na história considerado como sagrado na música, pois legitimou ritmos e vários clássicos nasceram naquelas décadas, deixando seus legados até hoje. Como fazia tempo que Madonna não mostrava seu lado voltando as pistas de dança, depois de muitas reinvenções imagéticas e musicais com seus álbuns passados, o público abraçou o retorno da antiga Madonna, assim como abraçou a viagem ao passado. A cantora trouxe de volta a admiração dos seus devotos fãs, assim como àqueles que apreciavam a disco e dance music, mas também atraiu olhares sobre um público maior, não tão próximo das pegadas retrógradas do álbum. Isso se dá a essência atual que o disco trouxe, não sendo uma reprodução exata dos clássicos de 1970 e 1980, mas sim uma reinvenção. Essa estratégia de retorno ao passado é antes de tudo um posicionamento, como dito por Al Ries e Jack Trout (2009), um reconhecimento da real situação de marca para conseguir lidar com novas ideias a fim de garantir uma posição fixa na mente do público. Madonna, sendo encarada como uma marca, conseguiu explorar uma temática antiga sob um novo viés, o que a garantiu originalidade e inovação.

As influências setentistas e oitentistas que Madonna trouxe de volta ao cenário pop é um ponto que deve ser avaliado positivamente, pois as releituras feitas no álbum ganharam um olhar novo e contemporâneo. A começar pela imagem da cantora que não foi rebuscada de forma idêntica, não vimos uma adolescente com cabelo bagunçado, usando roupas rasgadas e brincos em formato de cruz. Vimos uma mulher de 47 anos usando com muito orgulho e confiança um collant rosa, evidenciando seus cabelos ao estilo “wind blow” enquanto saía de um globo espelhado para fazer coreografias ao lado dos seus dançarinos. Madonna mais uma vez provou que consegue se reinventar e não se repetir. Tanto seu visual como suas apresentações bebiam de elementos clássicos, mas possuíam fatores modernos como visto nas performances ao vivo da *Confessions*



Tour, por exemplo: a inserção do parkour na faixa de “Jump”, a combinação de estilos de dança da disco music com o jazz e o ballet e a exploração de problemas recorrentes como a política, a posição da mulher, o embate entre religiões, etc. Em relação aos samples de clássicos usados nas músicas do álbum, vemos que eles foram trabalhados de tal forma que não soam como puras imitações. Madonna e seus produtores souberam adaptá-los, transformando as canções do álbum em compilações originais, o que nos faz encarar os ganchos musicais como verdadeiras homenagens. A evocação da disco e da dance music feita pela cantora nos mostra o lado cíclico da música, mas também o quanto inovadora ela pode se tornar.

É válido notar que embora a sonoridade e imagem de *Confessions on a Dance Floor* tenham amarras comerciais, isso não descaracteriza a qualidade do material produzido. As músicas conversam com toda a proposta do álbum, sejam por suas letras ou por sua sonoridade, reforçando o comprometimento de Madonna com seus conceitos enquanto artista. “Get Together”, por exemplo, pode se aplicar ao típico flerte que ocorre nos clubes noturnos, das olhadas de relance para uma pessoa ao convite para dançar. Mesmo sabendo que é uma ilusão e um romance efêmero, a letra fala que às vezes é preciso se entregar ao momento. “Like It Or Not”, por sua vez, mostra a persona que invocamos quando estamos na pista de dança, às vezes incontrolável, desinibida e segura de si. É um sentimento compartilhado em festas, pois o ambiente, a música e outros demais fatores contribuem para agirmos de tal forma. Madonna diz na canção que ela é exatamente daquele jeito, que não vai parar e ninguém vai impedi-la. Com muitas outras letras bem construídas, o álbum segue falando de vários assuntos diversificados que podem passar pela nossa cabeça enquanto dançamos. Inclusive é interessante observar que não há faixas que falem exclusivamente de aproveitar a noite ou dançar para esquecer problemas, pelo contrário, embora a sonoridade seja regada de ritmos ligados as pistas de dança, os problemas são colocados na linha de frente e são expostos, confessados e discutidos. Somos surpreendidos com a religião em “Isaac”, com o medo e a vontade de seguir em frente em “Jump”, com questionamentos sobre o que fazemos com a nossa vida em “How High”, com o lado sujo da fama em “Let It Will Be” e tantos outros anseios e relatos evidenciados em quase uma hora de duração do CD. De fato, *Confessions on a Dance Floor* é um álbum construído para dançar, mas isso não significa que ele não possa servir para refletir. A verdadeira mensagem que fica incrustada na nossa cabeça após ouvi-lo é se temos coragem de expor nossos problemas



e enfrentá-los, assim como sugerido pela frase que aparece nos telões ao fim da Confessions Tour: “Have you confessed?”.

REFERÊNCIAS

CINQUEMANI, Sal. **Album Review.** Disponível em:

<http://www.slantmagazine.com/music/review/madonna-confessions-on-a-dance-floor>.

Acesso em 25 de janeiro de 2015.

LIGHT, Alan. **Confessions on a Dance Floor Review.** Disponível em:

<http://www.rollingstone.com/music/albumreviews/confessions-on-a-dance-floor-20051103>. Acesso em 1 de fevereiro de 2015.

PETRIDIS, Alexis. **Madonna, Confessions on a Dance Floor.** Disponível em:

<http://www.theguardian.com/music/2005/nov/11/popandrock.shopping5>. Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

SANT’ANNA, Armando. **Propaganda: teoria, técnica e prática.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SANTOS, Bárbara; SOARES, Thiago. **As Contradições do Feminino no Videoclipe “Express Yourself” de Madonna.** In: Anais eletrônicos XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa: Intercom, 2014.

SOARES, Thiago. **Cultura Pop: Interfaces Teóricas, Abordagens Possíveis.** In: Anais eletrônicos XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: Intercom, 2013.

RIES, Al; TROUT, Jack – **Posicionamento: a batalha por sua mente.** São Paulo: M. Books, 2009.